

Relatório de Gestão – Fev/24

Rio Macro FIC de FIM

Macro				
FUNDO	% FEV/24	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
RIO MACRO FIC DE FIM	0,02	0,21	9,39	96,06
VS. CDI	2,23	11,78	74,06	91,56

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE	% FEV/24	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	0,80	1,74	12,51	96,78
Juros	0,00	0,00	0,03	36,20
Moedas	-0,43	-0,84	-0,01	1,51
Bolsa	0,00	-0,10	0,07	4,36
Ativos externos	-0,15	-0,18	-0,55	-5,21
Custos	-0,20	-0,40	-2,65	-37,58
Total	0,02	0,21	9,39	96,06

início: 31/08/2015

Em fevereiro nós mantivemos a venda de dólar contra o real e contra o yen, a compra de índice de *small caps* e a venda de *S&P* futuro. No início de março iniciamos uma venda de euro contra o dólar.

Fevereiro foi mais um mês em que os indicadores econômicos nos EUA mostraram resiliência e continuaram dando subsídios para que a bolsa e a curva de juros mantivessem desempenho destacado nos mercados globais. Nos primeiros dois meses deste ano os números de emprego mostraram uma criação de vagas saudável e uma taxa de desemprego que subiu ligeiramente, mas ainda em níveis bem baixos para padrões históricos. Neste período, os números de inflação vieram um pouco acima do último trimestre do ano passado, ainda com discrepância entre os núcleos do PCE e do CPI. Os indicadores antecedentes do PIB em fevereiro moderaram em relação a janeiro. Em suma, a economia norte-americana continua forte, embora não sugira uma aceleração que poderia levar o FED a retomar o ciclo de alta de juros e ainda sem dar um conforto maior para que ele inicie o ciclo de queda.

Na Europa a inflação veio ligeiramente acima do esperado, enquanto o PIB do 4º trimestre de 2023 confirmou a estagnação da atividade. Na última reunião do BCE Lagarde demonstrou preocupação com o aumento de salários e sinalizou para junho o início do ciclo de queda de juros.

Na China o governo definiu para este ano a meta de crescimento e de déficit fiscal em 5% e 3% respectivamente, o primeiro ambicioso e este último, tímido caso queira estimular a

atividade. A inflação continua bem baixa e o mercado imobiliário e o consumo muito fracos.

Portanto, os EUA continuam se destacando no mundo desenvolvido em termos de crescimento e sugam capitais do mundo, seja para investimentos em bolsa onde *AI* é a estrela da vez, seja em renda fixa para financiar o elevado déficit fiscal. Conseqüentemente, o dólar se mantém em níveis extremamente apreciados. Porém, os juros reais subiram bem à medida que a inflação cedeu, o que gera uma perspectiva de desaceleração na atividade e de queda dos juros nominais nos próximos meses.

No Brasil o PIB confirmou o crescimento de 2,9% no ano passado e estagnação no 2º semestre. Apesar da queda dos investimentos no ano, o último trimestre mostrou uma reaceleração, que, conjuntamente com a perspectiva de manutenção de um consumo saudável por parte das famílias, deve gerar um crescimento mais para perto de 2%. As surpresas positivas na arrecadação no 1º bimestre ajudam o governar a postergar uma eventual mudança de meta fiscal para este ano. Entretanto, a preocupação maior em relação à questão fiscal se dá no médio prazo em função da não recorrência de diversas receitas que se darão apenas nesse ano.

O Banco Central deve restringir a sinalização de queda da Selic em 50 p.p. para a reunião de maio, uma vez que o diferencial de juros com os EUA está caindo para níveis que demandam mais cuidado – o mercado precifica o início do ciclo de queda para junho - e a inflação de serviços aqui está mais forte.

Atenciosamente,

Equipe Rio Gestão de Recursos.